

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

LAYLLA CRISTIANE DE MOURA CARVALHO

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR/EDUCACIONAL E DA FAMÍLIA PERANTE A QUEIXA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

LAYLLA CRISTIANE DE MOURA CARVALHO

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR/EDUCACIONAL E DA FAMÍLIA PERANTE A QUEIXA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M929p Carvalho, Laylla Cristiane de Moura.

O papel do psicólogo escolar/educacional a da família perante a queixa escolar [manuscrito] : uma revisão sistemática / Laylla Cristiane de Moura Carvalho. - 2017.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves, Departamento de Psicologia".

 Psicologia escolar. 2. Psicólogo escolar. 3. Queixa escolar. 4. Relação família-escola. I. Título.

21. ed. CDD 370.15

LAYLLA CRISTIANE DE MOURA CARVALHO

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR/EDUCACIONAL E DA FAMÍLIA PERANTE A QUEIXA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicóloga.

Aprovada em: 04 / 05 / 2017 .

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof^a. Me. Elianne Madza de Almeida Cunha Faculdade Maurício de Nassau (FMN)

Prof^a. Dr^a. Maria Lígia de Aquino Gouveia Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu herói e minha heroína de todos os dias, Com todo o meu amor e a minha imensa gratidão. DEDICO.

Sumário

1.INTRODUÇAO	5
2. METODOLOGIA	8
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
3.1 – Eixo 1: Família e Escola: contexto e relações	10
3.2 – Eixo 2: Papel do Psicólogo e Queixa Escolar	14
3.3 – Eixo 3: Contexto Educacional e Queixa escolar	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR/EDUCACIONAL E DA FAMÍLIA PERANTE A OUEIXA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Laylla Cristiane de Moura Carvalho¹

RESUMO:

A educação e a psicologia configuram-se como áreas de ação com conhecimentos interdependentes, que vem possibilitando atualmente uma atuação preventiva e cada vez mais contextualizada, com a valorização do contexto educacional. Esse estudo de natureza qualitativa, tem como objetivo investigar a relação entre o papel do Psicólogo Escolar Educacional e o papel da família diante da queixa escolar, através de uma revisão sistemática da literatura, analisada por meio de uma síntese temática, com resultados apresentados em três eixos temáticos, que correspondem a: "família e escola: contexto e relações", "papel do psicólogo e queixa escolar", "contexto educacional e queixa escolar". Para compreensão da tríade investigada—papel do psicólogo, papel da família, queixa escolar — faz-se necessário a construção de estratégias de ensino tão diversificadas quanto forem às possibilidades interativas de aprendizagem, para que a padronização (e as dificuldades) não sejam cristalizadas.

Palvras-chave: Psicologia escolar; Psicólogo escolar; Queixa escolar; Relação família-escola.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar/Educacional no Brasil, segundo Barbosa e Araújo (2010) possui uma trajetória, desde seus primórdios, ligada principalmente a uma concepção remediativa e classificatória, com diversos períodos de crise e busca pela ressignificação da identidade do psicólogo escolar/educacional. A relação da psicologia com a educação aconteceu de forma assimétrica, pois antes buscava explicar os fenômenos e ditava procedimentos de tratamento, contribuindo para processos de categorização, segregação e marginalizaçãodo que era considerado "diferente". Hoje, compreende-se um período de constantes ressignificações.

A busca pela ressignificação das concepções de intervenção e das práticas do psicólogo escolar com vistas à realização de um serviço que procure trabalhar não mais na remediação das dificuldades de aprendizagem, mas na reflexão, contribuindo, assim, para a transformação do espaço escolar em local de valorização do ser humano, responde a questionamentos e alenta os incômodos. (BARBOSA e ARAÚJO, 2010, p. 400)

¹ Aluna de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba — Campus I Email: layllacmoura@gmail.com

No emaranhado de ressignificações que compreende o contexto educacional, há duas instancias em destaque: a família e a escola. A família é um grupo social ao qual dar-se muita relevância. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), ao longo da história da humanidade houve a construção de diferentes modelos de família, com alterações que surgiram como efeito do contexto histórico e cultural que girava em torno dessa organização. Uma das mudanças socais descritas na literatura refere-se ao papel da mulher, que ao conquistar novos espaços e direitos, alavancou uma reflexão acerca dos limites sociais e a solidificação de características da organização familiar tradicional, ou seja, a inserção da mulher no mundo do trabalho remunerado provocou mudanças na organização familiar tradicional. A modernidade vivencia uma redefinição das funções parentais, com novas atribuições para cada um dos seus membros.

A discussão acerca da função social dessa instituição possui papel fundamental na sociedade e atravessa uma perspectiva de família como forte transmissora de valores ideológicos, normas e cuidado. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008) a partir da primeira educação, que ocorre no meio familiar, as crianças transferem para os pais modelos de adultos que querem ser, há uma ressignificação interna, aquilo que a criança internalizará sobre seus pais. Outro aspecto relevante, para a constituição da família e o aprendizado da convivência, e a formação de vínculos:

O vínculo, em seus aspectos biológicos (o cordão umbilical), social (o grupo familiar e suas responsabilidades, inclusive legais) e afetivo (o acolhimento) é condição para o crescimento e desenvolvimento global da criança. Não há possibilidade de sobrevivência física e psíquica no desamor [...] o vínculo tem mão dupla para ser significativo, ou seja, a criança também é importante para os pais, muda suas vidas, ocupa-os. Aliás, por serem as crianças e os adolescentes importantes para os pais é que os pais tornam-se importantes para eles. (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008; p. 243).

A construção do vínculo traz a abertura para novas perspectivas, para novos olhares. O grande número de formas de família que compõe a atualidade requer uma quebra nos papeis solidificados e rotuladores do sujeito. Não compete a esse estudo compreender essas novas configurações familiares, contudo, há de se considerar: qual o papel das famílias atuais, dentre as mais diversas percepções e formação vínculos, no desenvolvimento do sujeito dentro do ambiente escolar?

A escola apresenta-se hoje como uma das mais importantes instituições socais, por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade, transmitindo cultura e modelos sociais de comportamento, mas nem sempre foi assim. De acordo com Bock (2008), no passado, a escola era apenas uma vivência cotidiana de um grupo, com produções baseadas

na filosofia do "fazer igual" ou "aprender-se fazendo". Na Idade Média a educação tornou-se produto da escola, através de pessoas especializadas que tinham como tarefa transferir o saber. Mas foi só com as revoluções do século XIX que a escola passou por grandes transformações, sendo a principal delas a tendência a universalização. Diante das lutas pela democratização, a escola tornava-se assim uma instituição especializada universal.

Com todos os avanços, a escola estabelece o papel de preparar o indivíduo para o mundo. Bock, Furtado e Teixeira (2008) chama atenção para a forma que essa mediação vem sendo executada. Segundo ela, a escola passa hoje por dois problemas, e são eles: as concepções pedagógicas e a realidade cotidiana. Instarou-se uma forma de transmitir saber não através de uma realidade social, mas sim de uma realidade escolar, enclausurando assim, as crianças e os jovens em nome da educação. Em virtude disso, alerta-se:

A escola não deve ser pensada como uma fortaleza da infância, como instituição que enclausura seus alunos para melhor prepara-los. É preciso articular explicitamente a vida escolar com a vida cotidiana; articular o conhecimento escolar com os acontecimentos do dia a dia da sociedade (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008, p. 269).

Como ponto de partida para esse estudo consideramos aqui, a "queixa escolar" como uma síntese de múltiplas determinações – relações familiares, grupo de amigos, contexto social e escolar -, que necessita de ações comprometidas e conscientes de todos aqueles envolvidos, bem como, a investigação/explicação/ação conjunta e mediada por um psicólogo escolar/educacional (Tanamachi e Meira, 2003). A aparência tão complexa da queixa escolar traz hoje ao psicólogo um desafio frente a sua atuação. Diante de tantos desafios e possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar, Neves e Almeida (2003) estudaram e plublicaram um modelo de atuação cujo objetivo era oferecer suporte sobre uma prática cotidiana mais contextualizada, essa modelo foi denominado "Prodecimentos de avaliação e intervenção dos alunos encaminhados com queixas escolar (PAIQUE).

Há, dentro dos contextos expostos, uma relação emergente que dentro desse estudo compete ao tema central: a tríade – papel do psicólogo, papel da família, queixa escolar. O tema escolhido advém de um interesse crescente sobre o viés da educação durante a graduação, através da vivência de componentes curriculares, projetos de pesquisa e extensão. Para De Oliveira e Araújo (2009), a articulação entre Psicologia e Educação configura-se como área de atuação, pois a interdependência de conhecimentos entre essas áreas atualmente possibilita uma atuação preventiva e relacional, com valorização do contexto, da participação do professor e do cuidador.

Optou-se por investigar como as produções científicas tem abordado a relação entre o papel do Psicólogo Escolar Educacional (PEE) e a família perante a queixa escolar. A metodologia de pesquisa deste trabalho configura-se como uma revisão sistemática da literatura, e foi escolhida pela ausência de registros de outras revisões sobre a temática, baseada em artigos científicos publicados em periódicos nacionais indexados nas bases de dados: Scielo, PepSic, CAPES e Google Acadêmico. Procedeu-se com a avaliação do material selecionado a partir da reflexão das Evidências Científicas (EC) acerca do tema central do trabalho constituído pelas relações entre o papel do Psicólogo Escolar Educacional (PEE) e o papel da família diante da queixa escolar. (CORDEIRO E OLIVEIRA, 2007; DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILLO, TAKAHASHI E BERTOLOSSI, 2011; p. 1261 HOHENDORFF, 2014).

Através do cumprimento das oito etapas sugeridas por Akobeng (2005, citado por Costa e Zoltowski, 2014), adiante descritas, esse estudo de natureza qualitativa, tem como objetivo investigar a relação entre o papel do Psicólogo Escolar Educacional (PEE) e o papel da família diante da queixa escolar, através de uma revisão sistemática da literatura, analisada por meio de uma síntese temática. Para tanto, optou-se Analisar a produção de artigos científicos com temáticas relacionadas ao papel do Psicólogo Escolar Educacional e o papel da família diante da queixa escolar, em periódicos nacionais, e compreender as metodologias evidenciadas nas produções científicas acerca do papel do PEE e da família perante a queixa escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto de uma investigação científica que metodologicamente caracteriza-se como revisão sistemática (RS). Segundo Cordeiro e Oliveira (2007) uma revisão sistemática refere-se a um processo investigativo para a compreensão, avaliação e síntese de resultados de inúmeros estudos primários, objetivando aprofundar temáticas, esclarecer problemas, identificar relações, contradições e lacunas, podendo levar a fundamentação de práticas mais qualificadas.

Para Hohendorff (2014) a revisão sistemática diferencia-se da revisão de literatura, tendo em vista que, possuem propósitos diferentes. A primeira busca sumarizar e apresentar dados de maneira sistemática, reunir evidências, responder uma pergunta e possíveis lacunas após uma análise criteriosa, já a segunda objetiva organizar, integrar e avaliar estudos.

De acordo com De-La-Torre-Ugarte-Ganillo, Takahashi e Bertolossi (2011) a revisão sistemática é um meio para obter-se uma prática baseada em evidência (PBE). A PBE surge no Canadá, em 1980, como critério de ação para as ciências médicas. Hoje houve uma ampliação dessa prática para diversas áreas, como a da psicologia e saúde mental. Assim sendo, a PBE "emerge da necessidade de sintetizar a grande quantidade de informação científica, com a finalidade de obter subsídios para fundamentar propostas de aprimoramento." (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILLO, TAKAHASHI E BERTOLOSSI, 2011; p. 1261). Neste sentido, a PBE é um canal de identificação de evidências científicas (EC) que visa avaliar a qualidade e aplicabilidade de estudos científicos.

A construção de uma RS incluí o planejamento cuidadoso e uma execução rigorosa de ações. Desta maneira, a compilação da presente revisão sistemática têm como base a proposta de Akobeng (2005, citado por Costa e Zoltowski, 2014), cujo procedimento metodológico se configura em oito etapas, sendo elas: (I) delimitação da questão a ser pesquisada; (II) seleção das fontes de dados; (III) eleição de palavras-chaves para busca; (IV) busca e armazenamento de estudos; (V) seleção dos artigos através dos critérios de inclusão e exclusão préestabelecidos; (VI) extração de dados; (VII) avaliação do material selecionado; (VIII) síntese, interpretação e discussão dos dados armazenados.

Com efeito, as etapas propostas foram desenvolvidas no presente trabalho da seguinte maneira: inicialmente delimitou-se a questão de pesquisa que norteou a presente revisão sistemática. Os questionamentos formulados, foram fruto de leituras acerca do tema e pelo interesse pessoal crescente sobre as temáticas que envolvem tanto a psicologia como a educação, os limites e os desafios que constituem tal relação. Afinal, o que vem sido produzido cientificamente sobre o papel psicólogo escolar educacional (PEE)? Onde e como surgem as queixas escolares? Qual a relação da família com a escola e o desenvolvimento dos filhos/alunos? Tento em vista as indagações postas, o presente estudo buscou investigar qual a relação entre o papel do psicólogo escolar educacional e o papel da família perante a queixa escolar publicadas em artigos científicos em periódicos nacionais.

Em seguida partiu-se para o processo de seleção dos dados. As fontes de buscas escolhidas foram bases eletrônicas, tendo em vista que, estas possuem um grande número de material, sobre uma gama de conteúdos específicos, e ainda configuram-se através de um acesso rápido, fácil e eficaz. As bases escolhidas e pesquisadas foram Scielo, PepSic, CAPES e Google Acadêmico, dando foco nas produções nacionais.

Nas etapas três e quatro que tratam da eleição de palavras-chaves para busca; procura e armazenamento de estudos, as palavras-chaves que constituíram esse procedimento foram:

"papel do psicólogo escolar/educacional; queixa escolar; psicologia; família; papel da família; escola e família". As palavras escolhidas foram utilizadas como descritores, nas bases eletrônicas de dados citadas anteriormente, na busca de evidências científicas para proceder com a execução desse trabalho. Vale ressaltar que as palavras-chaves foram relacionadas, e cruzadas entre si, almejando obter o maior número de produções científicas que trouxessem estudos acerca da tríade: "papel do papel do psicólogo escolar educacional, papel da família e queixa escolar".

O resultado da busca foi o armazenamento de 52 artigos que permutavam sobre a questão de análise proposta por esse estudo, ficando de fora da soma aqueles que se repetiam em diferentes bases eletrônicas. A partir da leitura dos resumos, os artigos selecionados foram sistematizados em uma tabela visando elencar de cada artigo itens como: ano, título, objetivos, resultados e referências. A tabela sistematiza possibilitou um panorama de trabalhos na área, contribuindo assim para a construção dos critérios de inclusão e exclusão.

Dando continuidade ao procedimento metodológico proposto por Akobeng (2005), passou-se para a etapa que trata da seleção dos artigos através dos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Sendo assim, foram incluídos nesse estudo produções publicadas em revistas científicas, que abordavam concepções/discussões relacionadas ao papel do psicólogo e da família diante da queixa escolar. Em contra partida, foram excluídos desse trabalho artigos publicados em anais de congresso, dissertações e teses, com enfoque em temas específicos, como: indisciplina, hiperatividade, entre outros. A partir dos critérios postos, o material de análise correspondeu, em sua totalidade, a 24 artigos científicos publicados no período compreendido entre 2001 a 2016.

Isto posto, a etapa relacionada a avaliação dos artigos pesquisados baseou-se em questionamentos que permitiram constatar se os artigos selecionados estavam ou não de acordo com o tema proposto para RS. Assim, foi possível observar e categorizar os dados em três eixos de análise, sendo eles: eixo 1: Família e escola: contexto e relações (composto por seis artigos); eixo 2: Papel do psicólogo e queixa escolar (composto por onze artigos); eixo 3: Contexto Educacional e Queixa escolar (composto por sete artigos). A divisão em eixos foi resultado da ausência de produções que desenvolvessem explicitamente o objetivo do presente estudo. Diante da realização das etapas descritas até aqui, procedeu-se com análise do material compilado disposto a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado anteriormente, a análise e discussão dos resultados advém da construção de eixos de análise. Os artigos compilados foram lidos na íntegra, e os resultados e discussões serão descritos a seguir:

Eixo 1: Família e escola: contexto e relações

Para análise deste eixo foram utilizados seis artigos científicos. Foi observado que, a temática dessas produções gira em torno da díade "família-escola", com objetivos que variam entre analisar essa relação com enfoque nas expectativas dos envolvidos nessa parceria (SILVA, 2015); observar as continuidades e descontinuidades dessa relação (SILVEIRA, 2009) e também destacar as contribuições destes contextos para a promoção do desenvolvimento humano (DESSEN e POLONIA, 2007). O material analisado possuí datas de produções referentes aos anos de 2002 a 2016, sendo, um deles publicado em 2002, um em 2007, outro em 2009, um em 2015 e dois em 2016. A parada e retomada das produções evidencia, segundo Junges e Wagner (2016), que não existe uma tradição de pesquisa sobre esse tema, e o despertar para essa temática vem acontecendo de forma gradativa.

Os métodos de pesquisa, dos estudos analisados, variam entre revisão de literatura (2), pesquisa de campo (3) e revisão sistemática (1). As pesquisas de campo tiveram como população professores e pais, e apenas uma trouxe a perspectiva do aluno. Um fato importante é que, o aluno é o elo entre essa díade, e ainda assim, não ocupa um espaço relevante dentro das produções investigadas. Os dois estudos de revisões de literatura caracterizam e contextualizam a influência dessa díade para o desenvolvimento do indivíduo, ressaltando o papel de transmissão e construção de conhecimentos que essa relação constitui. Já o estudo de revisão sistemática traz uma análise sobre o que tem se estudado acerca da relação "família-escola" nos últimos anos, revelando dados nacionais sobre essas instituições.

De acordo com os estudos em questão, a relação família-escola é lugar de interesse comum e crescente entre os pesquisadores, pois esses espaços e sistemas se constituem como sendo de grande influência sobre o campo de desenvolvimento social e cognitivo, e o sucesso escolar (DESSEN e POLIANA, 2007). Para Silva (2015), a escola é um espaço de formação, e por assim dizer, de desenvolvimento também, assim sendo, traz beneficios para a formação de identidade e aquisição da autonomia. Junges e Wagner (2016) consideram que essa

relação, por ser ampla e multifacetada, contribui para o desenvolvimento à medida que há um envolvimento crescente dos pais pelo processo educacional dos filhos.

Bagarollo e De Oliveira (2016) assumem e sinalizam que, a sua forma de perceber o desenvolvimento e a possibilidade de intervir nos processos educacionais, parte de uma abordagem histórico-cultura, que compreende o funcionamento psíquico do ser humano como produto das relações concretas de vida, ou seja, suas relações sociais. Silva (2015) cita Vigotski e Piaget ao caracterizar aspectos de interação, ressaltando a importância da mediação e de uma ligação estreita e continuada entre pais e professores. Observou-se que os subsídios teóricos expostos dentro das produções são bem restritos, ou seja, não há muita teorização das evidências.

A família e a escola correspondem aquilo que os autores chamam de socializações primárias e secundárias, respectivamente. Para Dessen e Polonia (2007) a família é primeiro meio de socialização, atuando como mediadora de padrões, modelos e influências culturais. Responsável pela constituição de valores, a família é compreendida como matriz do desenvolvimento humano. De acordo com Silva (2015), para além do gatilho da socialização, a família é uma importante agente educadora, com raízes que perpassam o afetivo, o social, o educacional, o comportamental e o cognitivo.

Ambas as instituições, família e escola, são responsáveis pela transmissão de conhecimentos. Segundo Silveira e Wagner (2009) com a formalização e a institucionalização do ensino, na Idade Moderna, a escola passou a corresponder ao espaço de educação formal, e a família ao espaço de educação informal. A escola possui um contexto diversificado, permeado de conflitos, problemas e diferenças, e constitui um espaço que reflete as transformações e lida com inúmeras demandas do mundo globalizado, Assim sendo "uma de suas tarefas mais importantes, embora dificil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo" (DESSEN e POLONIA, 2007, p. 25).

A análise dos textos desse eixo englobam dois aspectos mais gerais, são eles: "fatores que facilitam e dificultam a relação família-escola" e "propostas de atuação". Ambas as instituições podem atuar como propulsoras e inibidoras do desenvolvimento (DESSEN e POLONIA, 2007; JUNGES e WAGNER, 2016). Mediante estes dois aspectos, e de acordo com a compilação dos estudos presentes nos artigos analisados, os fatores que facilitam a relação família-escola são as "redes de apoio" que se formam e os "laços afetivos" tidos como agentes desencadeadores de um desenvolvimento saudável, à medida que esses asseguram

apoio psicológico aos envolvidos (DESSEN e POLONIA, 2007); outro fator propulsor dessa relação é o "envolvimento" mútuo da família e da escola, pois essa troca auxilia na formação da identidade e aquisição da autonomia dos alunos (SILVA, 2015; JUNGES e WAGNER, 2016); a atuação de uma equipe multiprofissional é tida como fator de auxílio também (BAGAROLLO e DE OLIVEIRA, 2016). Acompanhamento mútuo e a compreensão da realidade dos seus alunos, ou seja, uma compreensão global dos sujeitos envolvidos impulsionam positivamente a constituição dessa relação (SILVA, 2015).

Como fator que dificulta a relação da díade família-escola observa-se, primordialmente, a 'comunicação'. As informações não constituem um fluxo contínuo, integrado, são de base unilateral (DESSEN e POLONIA, 2007; JUNGE e WAGNER, 2016). Segundo Silva (2015) a importância da comunicação só cresce, e faz parte de um sistema que se retroalimenta. A família se queixa de pouco esclarecimento e os professores se queixam de cobranças escolares. Outro fator inibidor dessa relação se deve aquilo que chamamos de 'transferência de responsabilidade', onde as partes jogam de um lado para o outro aquilo que não acreditam ou não querem acreditar ser de sua competência (SILVEIRA, 2009). Assim sendo, considera-se que há dificuldades de uma prática continua, percebendo assim, barreiras e lacunas rígidas entre as instâncias.

Além dos problemas de comunicação entre a escola e a família, duas das produções analisadas, advertem para o 'sentimento de inferioridade' que a família possui diante da escola, que resulta em submissão as normas da instituição, sucumbindo as suas exigências sem coragem para externalizar suas reais necessidades (SILVEIRA, 2009; SILVA, 2015). Esse constructo de superioridade envolve a escola desde a sua caracterização como principal instância de civilização e progresso (SILVA, 2015), diante disso, muitos pais sentem-se acuados/inferiorizados, e isso dificulta muito o desenvolvimento de ações mútuas e continuadas.

Depois, de dificuldades e facilidades acima expostas, foram sistematizados itens de propostas de atuação, presentes na literatura analisada, que visem ultrapassar as dificuldades e potencializar essa relação família-escola. Segundo Silveira (2009) um ponto importante é que os professores comecem a entender/conhecer as realidades das famílias dentro de um contexto, realizar ações que busquem definir responsabilidades; educar as famílias e implementar situações de trocas e comunicação. Ouvir mais as famílias (BAGAROLLO e DE OLIVEIRA, 2016). Inserir discussões no projeto pedagógico que incluam a família, para assegurar a participação dos pais; reconhecer e trabalhar práticas educacionais familiares (DESSEN e POLONIA, 2007). E para além das questões ligadas ao incentivo pedagógico

para a participação ativa da família na vida escolar dos seus filhos, é necessário que os professores aceitem a responsabilidade e se comuniquem de forma clara com os responsáveis, bem como, é imprescindível também que a família disponha de algum tempo e interesse para o diálogo (JUNGES e WAGNER, 2016).

Com a análise das temáticas presentes nos artigos selecionados foi possível observar também que: apenas um dos estudos considera a voz e percepção do aluno, para quem todas as coisas giram, mas não tem papel relevante nos estudos analisados. Outro dado que merece destaque diz respeito ao fato de que apenas dois estudos remetem-se as ações do psicólogo escolar educacional, destacando a necessidade de um ensino baseado em práticas interdisciplinares, com uma equipe multiprofissional. Mesmo tendo três trabalhos que realizaram pesquisa de campo, apenas um deles fez descrição do espaço físico da instituição. Compreender o espaço de investigação, de acordo com as suas características físicas, implica em uma percepção mais ampla acerca da caracterização da população, ou seja, uma compreensão global, e mais contextualizada.

O material analisado neste eixo resulta na compreensão de que poucos estudos trazem considerações das teorias educacionais para basear as suas concepções de desenvolvimento e aprendizagem, e que ainda há poucos avanços em termos práticos no que diz respeito à superação do distanciamento entre a família e a escola. O cerne das ações são apenas propostas, mas não há evidências científicas de práticas já baseadas nesses seguimentos. Ou seja, não há registros nos estudos aqui sistematizados sobre ações desenvolvidas de forma similar, que sejam reincidentes e comprovadas, que constituam uma prática baseada em evidência.

Os estudos empíricos evidenciam que tanto a família quanto a escola revelam dificuldades em administrar as suas diferenças, e seguem atuando em contextos distantes, com práticas distantes e descontínuas. Um dado relevante é que muitas vezes a família não consegue acompanhar o que a escola propõe, e se reúnem apenas diante de situações de estresse, onde uma das partes impõe a sua insatisfação e se isenta de suas reais responsabilidades. Em contra partida, a escola também não busca a família na tentativa de revelar os pontos positivos do desenvolvimento dos sujeitos envolvidos. Há ainda que se considerar que essas duas esferas de educação se cruzam de forma corriqueira, mas só buscam uma ação efetivamente conjunta diante de situações limites, ou situações problemas, como casos de indisciplina e violência.

Assim sendo, explorar os assuntos que permeiam a vivência família-escola ainda precisa começar a ser um trabalho preventivo, de formação conjunta e contínua. Falar sobre a educação nas formas práticas de ser família, de ser escola. A partir dos dados analisados neste eixo evidenciou-se, mesmo de maneira tímida, que há sim uma investigação crescente sobre o tema, que essa relação é relevante, contudo os estudos aqui analisados são provocativos, mas não comprovativos. Falar sobre os problemas que permeiam essas instituições é essencial, de forma que, descrever as barreiras torne-se ferramenta de ação para ressignificar, sob esforços reais, uma prática com objetivos comuns, que contribuíam para um desenvolvimento global do indivíduo.

Eixo 2: Papel do psicólogo escolar/educacional e queixa escolar

O eixo em questão tem o corpo de análise composto por onze artigos científicos. Dentre os objetivos descritos alguns intencionam identificar a existência de profissionais da psicologia escolar/educacional na instituição, bem como, identificar necessidades e elaborar possíveis intervenções (VIDAL, 2015, SASSI E MAGGI 2010), analisar a produção científica na área de Psicologia Escolar Educacional no Brasil (SOUZA et al., 2014), compreender as concepções e atuação do Psicólogo Escolar Educacional perante as queixas e propor alternativas (LEONARDO, LEMOS & FACCI, 2016; ALTOÉ, MARQUES, TIZZEI, 2015; CABRAL E CAVALCANTE e AQUINO, 2013; SAWAYA, 2001), identificar as ações dos psicólogos escolares junto a professores (AQUINO et al., 2015), discutir as políticas educacionais e de saúde, e se os estudos e os serviços públicos de saúde têm surtido efeito e provocado mudanças (BRAGA e MORAIS, 2007), investigar quais os dilemas e desafios que os psicólogos enfrentam hoje, quando se trata das queixas escolar (FREITAS e DE ASSIS, 2014).

Buscaram alcançar estes objetivos através de metodologias de pesquisas empíricas de cunho qualitativo, de forma geral, com dados construídos através de entrevistas (7), revisão de literatura (1), observação participante em estágios curriculares (3). Os locais de pesquisa/observação/atuação giram em torno de escolas, clínicas escolas de psicologia, e outros serviços de saúde, como Unidades Básicas de Saúde (UBS), realizados com participantes diversos: psicólogos, estudantes de psicologia, alunos, professores e gestores das instituições de ensino.

O referido eixo agrupa o maior número de artigos, e ainda, a maior variação de tempo entre as publicações. Ocorrem em um intervalo de tempo entre 2001 e 2016, sendo: um em 2001, um em 2007, um em 2011, um em 2013, três em 2014, três em 2015, um em 2016. Não há explicações científicas dentro dos textos para as lacunas, seguida de movimento crescente de publicações. A nível de análise, é possível perceber que as publicações de 2014 e 2015 concentram as suas temáticas nas formas de atuação e desafios, e usam, quase que na sua totalidade, uma metodologia referentes a pesquisas de campo.

Os temas centrais dos artigos giram em torno de psicodiagnósticos e processo de avaliação, dificuldades de ensino-aprendizagem, dimensão familiar, dimensão laboral (com aspectos referentes às condições de trabalho dos educadores, especificamente), atendimento as queixas, medicalização das queixas, papel do psicólogo escolar/educacional. Dentre todos os temas postos, o que não consta em nenhum dos artigos analisados, são informações que caracterizem o papel e lugar da família nas instituições e diante das queixas.

As referências/concepções teóricas utilizadas como subsídio para as intervenções e análises, de acordo com o referido material, foram: 1) Psicologia Histório-Cultural, utilizando autores como Vigotski e Book (OLIVEIRA, 2014; LEONARDO, LEMOS e FACCI, 2016; e 2) o modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (ALTOÉ, MARQUES e TIZZIE, 2015). Com forma de atuação, que perpassam, respectivamente: por olhar a interação do homem e o contexto, e enxergar, através dessa interação, uma nova maneira de desenvolver o pensamento, onde o professor, por exemplo, pode ocupar o lugar de mediador, auxiliando no processo de modificação dos conhecimentos já apreendidos e na construção de novos saberes; e o segundo, tem uma proposta de que o desenvolvimento seja estudado através da interação entre os diferentes contextos de maturação do sujeito, trazendo a tona os efeitos construtivos que o ambiente e o organismo acarretam um sobre o outro, ou seja, através de uma dinâmica dos sistemas, elucidar a interação entre características biopsicossociais e ambientais (ALTOÉ, MARQUES, TIZZEI, 2015).

Mediante as teorias abordadas nos diferentes estudos, evidenciou-se que há uma construção de características de atuação do psicólogo escolar/educacional. Alguns dos estudos admitem que ainda uma atuação restrita a encaminhamentos e apoio a família, conservando uma perspectiva indiscutivelmente clínica, com foco nas relações saúde x doença, comportamento x educação. Há também formas de atuações deste profissional menos vistas e exploradas, que aparecem de forma tímida nas pesquisas, como: rodas de conversas, projetos inclusivos, dinâmicas e atividades que possibilitem aos alunos e professores reflexões, um acompanhamento específico e, em alguns casos, visitas domiciliares. Existe ainda, dentro dos

contextos analisados, um apanhado de formas de atuação que focam apenas na díade alunoprofessor, onde o psicólogo é visto como o agente capaz de desenvolver nos alunos atitudes e comportamentos esperados pela escola, buscando, a todo custo, a integração dessa criança. Afinal, qual é a real função da psicologia escolar? Adequar o comportamento dos alunos as exigências das instituições educacionais? Ou, compreender os elementos contextuais que estão influenciando as condutas dos alunos no espaço escolar?

Os dados analisados partilham de uma ideia final constante e sólida: a atuação do psicólogo escolar/educacional continua focada apenas no indivíduo. Consequentemente, há uma construção de atuação que concebe o comportamento e as atitudes dos alunos em uma perspectiva mais patologizante, pelo princípio da deficiência e não da diferença, da heterogeineidade, como as teorias de desenvolvimento abordadas nos estudos defendem, ou seja, as múltiplas determianções sócio-históricas constituindo as atitudes e a dinâmica de vida dos alunos. Por assim dizer, há uma necessidade de maior articulação da teoria e prática, em uma perspectiva de atuação integrada entre os profissionais que estão envolvidos com o fenômeno da queixa escolar.

O material analisado supõem também que ampliando a visão do profissional ao contexto do outro irá resultar em práticas mais significativas e eficientes, afinal o que de mais forte caracteriza as queixas escolares se não o seu caráter multifatorial? Já há registros na literatura alertando para a necessidade de uma reflexão crítica em virtude de uma prática mais humanizada, bem como, ampliar as possibilidades para o desenvolvimento de um trabalho coletivo, sem negligenciar aspectos da natureza pessoal/individual. Uma prática mais integrada, segundo a literatura analisada, está na oferta de uma formação continuada para os professores, um trabalho com enfoques em características e teorias do desenvolvimento.

Nesta direção, os futuros psicólogos estão sendo preparados para as práticas profissionais mais integradas, especialmente no que diz respeito ao âmbito escolar/educacional? Segundo Atoé, Marque e Tizzei (2015) durante a graduação muito se discute sobre o papel do psicólogo nos diferentes contextos, mas ainda cultiva-se uma prática pobre, dificultando uma concepção mais crítica sobre as teorias. De acordo com Aquino et al. (2015) essa distância entre o campo prático e teórico caracteriza uma "prática desarticulada". Há ainda, de se considerar, que a academia traz um modelo hegemônico de subjetividade (BRAGA e MORAIS, 2007), de uma perspectiva clínica e individual. Para Saggi e Maggi (2007) é chegada a hora de pensar em uma perspectiva de redimensionar a formação acadêmica dos profissionais de psicologia no que tange as ações socioinstitucionais,

alcançando novos espaços que também visem promover o desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos.

Ao que compete o campo das novas perspectivas e desafios, de acordo com os artigos analisados, um trabalho multiprofissional diante da queixa é um caminho. Mas os desafios não param. Ao se tratar de crianças, ainda mais se elas tiverem um comportamento diferente do desejado, os obstáculos são inúmeros. As responsabilidades não partilhadas pelas instâncias recaem sobre a incessante busca por um culpado, e isso acaba por inviabilizar a percepção a outras questões. Outro obstáculo posto, faz referência a discordância dos pais sobre a queixa do filho, ou ainda, dos remanejamentos constantes da criança de classe e os encaminhamentos e rótulos que brotam nas instituições educacionais. Evidencia-se então, que há uma naturalização da queixa em um viés clínico, com um olhar individual, enquadrado, com foco na queixa, e não no contexto, atribuindo a qualquer dificuldade a premissa e o caráter de algo puramente individual. Naturaliza-se a queixa, e consequentemente, engessa-se a atuação.

Eixo 3: Contexto educacional e queixa escolar

O terceiro e último eixo contou com sete artigos para análise. O material analisado constituiu-se de produções que almejavam verificar as perspectivas teóricas e diferentes concepções de queixa presente em produções científicas (LEONARDO e LEAL, 2015); compreender o processo de orientação à queixa (FRELLS. e cols, 2001; LIMA et al. 2014); mapear as queixas escolares registradas nos serviços de saúde (CARNEIRO e COUTINHO, 2015); suscitar reflexões sobre conceitos e teorias que tendem a gerar equívocos e contradições no tocante à queixa escolar (NEVES e MARINHO-ARAÚJO, 2006).

Para tanto, os artigos utilizaram metodologias que correspondem à revisão de literatura (5), pesquisa qualitativa (1), análise documental (1). As revisões de literatura, de forma geral, analisaram as concepções, descreveram orientações e refletiram sobre teorias relacionadas a queixa escolar. A pesquisa qualitativa se propôs a compreender, através da visão dos professores, quais queixas escolares e dificuldades de aprendizagem foram encontradas, buscou-se isso através da realização de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com 16 professoras de rede pública de ensino. E a análise documental, por sua vez, utilizou de fichas de triagens para compreender as queixas.

Os textos com propostas de metodologias referentes as revisões de literatura, que engloba a maioria das produções, evidenciando que não há, no que tange ao alcance das bases de dados eletrônicas acessados, uma prática de processos empíricos para tratar sobre queixa

escolar. De forma ampla, a temática do referente eixo, é abordada nos artigos sem uma definição específica para "queixa escolar". Exceto por Dazzanni et. al (2014), que descreve a queixa como demandas formuladas por pais, professores e coordenadores pedagógicos acerca de dificuldades e problemas enfrentados por estudantes no ambiente escolar. A discussão da queixa percorre um campo com pontos de partidas diversos, com concepções plurais e que não são descritas de forma clara nas produções.

Faz-se presente nos artigos pesquisados uma crítica massiva a forma de enxergar a queixa apenas no campo individual, fechada na pessoa (LEONARDO e LEAL, 2015; DAZZANNI et. al, 2014), e de forma consensual busca-se discutir a queixa escolar elevando o caráter relacional, elucidando que é necessário levar em conta todo o contexto que envolve essa queixa. De acordo com Neves e Marinho-Araujo (2006) a queixa em si, isolada no sujeito e descontextualizada das suas relações, não pode ser considerada algo real e concreto para ser trabalhado, pois transforma-se apenas em um mito, desculpas e justificativas.

Outro aspecto interessante que os estudos evidenciam é que: a queixa escolar, sempre associada ao desenvolvimento, tem seu alvo inteiramente destinado a crianças. Contudo, vale ressaltar que a queixa constitui-se como campo comum para todos aqueles que permeiam o ambiente escolar, sejam crianças ou adolescentes. Apenas um dos textos consultados problematiza as concepções de adolescência, bem como, descrevem as dificuldades que os adolescentes apresentam para falar sobre a escola, quando os seus encaminhamentos são resultados de situações de queixa escolar (LIMA, PRADO e SOUZA, 2014).

Há ainda um questionamento acerca do processo de escolarização, como forma de chamado, para que a escola possa compreender que não há como deslocar o caráter multifatorial que compõe a queixa escolar. Por assim dizer, o ambiente educacional também pode tornar-se um grande palco de exclusões, de apontamentos e segregações, à medida que, desloca o complexo campo da queixa para a busca de um culpado. De acordo com Leonardo e Leal (2015), culpar terceiros retira os fatores sociais envolvidos no contexto de produção do fracasso escolar, naturalizando essas questões, pois as localizam no próprio indivíduo.

Há ainda muitos trabalhos acadêmicos inseridos em uma perspectiva não crítica, que corroboram com um contexto biologizante, correspondente as raízes da psicologia. Mas há uma parte das produções que utilizam a abordagem crítica. Uma prática crítica supõe uma compreensão do fenômeno a partir de uma análise profunda, levando em consideração o contexto escolar. Para a efetivação dessa proposta faz-se necessário, de acordo com Leonardo e Leal (2015) questionar o ensino instituído e as mazelas por ele produzidas dentro de um contexto, compreender a queixa e relacioná-lo para além das suas cristalizações.

O trabalho diante da queixa compreende a necessidade de rever conceitos acerca de distúrbios, transtornos, dificuldade ou problemas, e ainda, compreender, de maneira justa, a queixa e sua consequência, o fracasso. Estudando a escola, a relação com a família e o contexto social que está inserido, como produtores da realidade educacional, e estabelecendo uma relação de trocas efetivas, pode-se caracterizar uma efetividade no trabalho perante a queixa escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre educação sempre traz uma série de questionamentos, junto de pontos positivos e negativos das relações estabelecidas por esse contexto. A psicologia atrelada à educação ainda configura um campo de práticas restritas e dependentes, velado por uma compreensão limitada, até por parte de muitos graduandos em psicologia.

A escola e a família são contextos conectados, mas que ainda não compõe um campo de práticas contínuas. Todas as diferenças são postas acima de uma vivência cooperativa. Estas instancias ainda buscam realizar ações para definir as responsabilidades na educação dos filhos/alunos, ao invés de uma ação continuada, e assim seguem estabelecendo fronteiras rígidas. A ausência de sintonia entre essas instancias chama a atenção para uma grande e importante tarefa: a de que pais e educadores precisam ser educados, antes de tentarem educar seus filhos/alunos.

Caminhar junto da educação traz aos psicólogos a necessidade de um posicionamento crítico e de um conhecimento contextualizado. Para a atuação do psicólogo escolar/educacional o ambiente não limita-se a escola. A educação, bem como a psicologia, caminham pelas mais diversas instancias socioinstitucionais. Contudo, existe um aspecto dessa relação que é crescente e é digno de atenção a tempos: a queixa escolar. Hoje uma das maiores demandas dos serviços de psicologia são as queixas escolares, com solicitações de avaliação para fins de possíveis diagnósticos e encaminhamentos (LEONARDO, LEMOS e FACCI, 2016).

Com relação à atuação do psicólogo diante da queixa ainda não há um padrão de ações. As queixas são singulares, com elementos variantes, o que resulta na necessidade de ações multiprofissionais, onde todas as partes envolvidas sejam ouvidas, não no intuito de diagnosticar, mas sim de compreender os elementos que compõe a queixa, na busca por uma atuação pautada em práticas mais humanizadas. Realizando ações que considerem as possibilidades de acesso que a criança teve efetivamente para se apropriar dos conteúdos e as

condições histórico-sociais que produziram esse aluno e essa família, para não reproduzir a ideologia da classe dominante, que remetem a culpa de qualquer dificuldade de desenvolvimento ao indivíduo.

É preciso compreender a produção das queixas escolares e como elas relacionam-se para além de suas naturalizações e cristalizações, tendo em vista possíveis movimentações de olhares e práticas, a fim de contribuir para que de fato os indivíduos possam, em seu coletivo, apropriar-se da cultura e fazer do conhecimento um instrumento de transformação da realidade de exclusão e desigualdade social.

Faz-se necessário um trabalho educativo voltado para as formas de produzir esse desenvolvimento de maneira plena, e a partir dessa organização constituir um instrumento para a compreensão da realidade em suas múltiplas determinações, pois o desenvolvimento do sujeito humano é desencadeado não somente através daquilo que formalmente é ensinado, mas quando passa a participar de atividades coletivas que lhes trazem novas necessidades e exige novos modos de ação. Relacionar-se abre possibilidades de ocorrer um ensino realmente significativo.

A tríade —papel do psicólogo, papel da família, queixa escolar — ainda não tem uma base científica solidificada. Os artigos, em sua maioria, não trazem a compreensão das dimensões sociais e históricas que permeiam todas as relações humanas e constituem a queixa escolar. E, enquanto não se considerar e não se promover a construção de estratégias de ensino tão diversificadas quanto forem às possibilidades interativas de aprendizagem, a padronização (e as dificuldades) estarão sempre cristalizadas.

ABSTRACT:

The education and psychology are an area of action with interdependent knowledge, which is now enabling a preventive and increasingly contextualized action, with the appreciation of the educational context. This qualitative study aims to investigate the relationship between the role of the Educational School Psychologist and the role of the family in the face of the school complaint, through a systematic review of the literature, analyzed through a thematic synthesis, with results Presented in three thematic axes, which correspond to: "family and school: context and relations", "role of school psychologist and school complaint", "educational context and school complaint". In order to understand the investigated triad-role of the psychologist, the role of the family, the school complaint - it is necessary to construct teaching strategies as diverse as the interactive possibilities of learning, so that standardization (and difficulties) are not crystallized.

Key Words: School psychology; School psychologist; School complaint; Family-school relationship.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AKOBENG, A. K. Understanding systematic reviews and meta-analysis. **Archives of Disease in Childhood**, 90, 845-848, 2005.

ALTOÉ, D.; MARQUES, S. M.; TIZZEI, R. P. A atuação do psicólogo no contexto escolar: das questões individuais às propostas coletivas. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 13, n. 18, p. 83-100, 2015.

AQUINO, F. de S. Braz et al. Concepções e práticas de psicólogos escolares junto a docentes de escolas públicas. **Psicol. esc. educ**, v. 19, n. 1, p. 71-78, 2015.

ASBAHR, F. da S. F.; MARTINS, E.; MAZZOLINI, B. P. M. Psicologia, formação de psicólogos ea escola: desafios contemporâneos. **Psicol. estud**, p. 157-163, 2011

BAGAROLLO, M. F.; DE OLIVEIRA, E. C. A (re)significação "criança que não aprende": desafios da escola, família e equipe de saúde. **Comunicações**, v. 23, p. 275-286, 2016.

BARBOSA, R. M.; ARAÚJO, C. M. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estud. psicol.(Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 393-402, 2010.

BRAGA, S. G.; MORAIS, M. de L. S. Queixa escolar: atuação do psicólogo e interfaces com a educação. **Psicologia USP**, v. 18, n. 4, p. 35-51, 2007.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia. 14ª ed. **São Paulo: Saraiva**, 2008.

CABRAL, E.; SAWAYA, S. M. Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: os psicólogos nos serviços públicos de saúde. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 143-155, 2001.

- CARNEIRO, C.; COUTINHO, L. G. Infância e adolescência: como chegam as queixas escolares à saúde mental?. **Educar em Revista**, n. 56, p. 181-192, 2015.
- CORDEIRO, A. M., OLOVEIRA, G.M., RENTERÍA, J. M., GUIMARÃES, C.A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. 2007; v. 6, n.34, 428-31, 2007.
- DAZZANI, M. V. M. et al. Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. **Psicol. esc. educ**, p. 421-428, 2014.
- DE ALMEIDA CAVALCANTE, L.; AQUINO, F. de S. B. Ações de psicólogos escolares de João Pessoa sobre queixas escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 2, p. 353-362, 2013.
- DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C.; TAKAHASHI, R. F., & BETELOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2011.
- DESSEN, M. A.; POLONIA A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.
- FREITAS, C. A.; DE ASSIS, M. de F. P. Psicologia e queixa escolar em tempos acelerados: desafios ao psicólogo. **Perspectivas em Psicologia**, v. 18, n. 2, 2014.
- FRELLER, C. C. et al. Orientação à queixa escolar. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 2, p. 129-134, 2001.
- FERREIRA, M. de C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.
- JUNGES, L. A.; WAGNER, A. Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática. **Educação**, v. 39, n. 4, p. 114-124, 2016.
- KOLLER, S. H.; DE PAULA COUTO, M. C. P.; VON HOHENDORFF, J. **Manual de produção científica**. Penso Editora, 2014.
- LIMA, C. P. de et al. Orientação quanto à queixa escolar relativa a adolescentes: especificidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, p. 67-75, 2014.
- LEONARDO, N. S. T.; LEAL, Z. F. de R. G.; ROSSATO, S. P. M. A naturalização das queixas escolares em periódicos científicos: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**, p. 163-171, 2015.
- SASSI, R.; MAGGI, A. Demandas de psicologia escolar para uma clínica-escola. **Psico**, v. 38, n. 1, 2007.
- SILVA, M. E. M. et al. A importância da relação escola-família para a aprendizagem e a intervenção psicopedagógica. **PluriTAS**, v. 1, n. 1, 2015

- SILVEIRA, L. M. O. B.; WAGNER, A. Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 283-291, 2009.
- SOUZA, M. P. R. de et al. Atuação do psicólogo na educação: análise de publicações científicas brasileiras. **Psicologia da Educação**, n. 38, p. 123-138, 2014.
- NEVES, M. M. B. da J.; MARINHO-ARAUJO, C. M. A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. **Aletheia**, n. 24, p. 161-170, 2006.
- NEVES, M. M. B. J.; ALMEIDA, S.F.C de. A atuação da psicologia escolar no atendimento aos alunos encaminhados com queixas escolares. **Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação relacional**, p. 83-103, 2003.
- OLIVEIRA, J. L. A. P.; BRAGAGNOLO, R. I.; SOUZA, S. V. de. Proposições metodológicas na intervenção com estudantes com queixa escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 3, p. 477-484, 2014.
- VIDAL, E. R. Algumas considerações sobre o papel do psicólogo escolar/educacional em instituições de ensino: Um estudo de caso. **Pedagogia em Ação**, v. 7, n. 1, 2015.